

DA TV ANALÓGICA PARA A DIGITAL: ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA PRÁXIS ENUNCIATIVA¹

Ana Sílvia Lopes Davi Médola²

Resumo: O momento atual de convergência midiática ou a migração digital dos meios constitui uma fase de transição, na qual o processo de comunicação televisual que conhecemos passa por mudanças significativas. Quando inserido nos sistemas totalmente digitalizados, seja na transmissão em TV aberta, via cabo ou na internet, as possibilidades discursivas do audiovisual de tal forma que inauguram, em última instância, um processo de constituição de uma nova mídia, baseada em novos dispositivos de interação entre enunciador e enunciatário. Diante dessa nova situação de comunicação propomos refletir, à luz da semiótica discursiva, acerca das bases conceituais necessárias para a compreensão da práxis enunciativa, com ênfase na problemática do sincretismo de linguagens que, em função da convergência midiática adquire maior complexidade, pois realiza a hibridização dos meios.

Palavras-Chave: TV Digital, Enunciação, Linguagens, Interação.

“A práxis enunciativa é esse ir-e-vir que, entre o nível discursivo e os demais, permite constituir semioticamente culturas.” (Greimas e Fontanille, 1993, p.80)

Depois de anos de indefinição, pressões, lutas por interesses políticos e econômicos, o Brasil coloca em fase de teste em 2006 o Sistema Brasileiro de Televisão Digital - SBTVD, em detrimento da adoção de modelos já testados como o americano, o europeu e o japonês. O sistema desenvolvido por pesquisadores brasileiros a partir das tecnologias já experimentadas em outros países promete criar no Brasil, se os interesses econômicos e políticos permitirem, a TV aberta mais interativa do planeta.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Produção de Sentido nas Mídias”, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

² Universidade Estadual Paulista-UNESP/ e-mail: asilvia@faac.unesp.br

A mudança de plataforma de produção e distribuição de sinais traz uma série de implicações no que tange as formas de acesso, a qualidade técnica, a configuração estética e a maneira de consumir televisão. No caso do SBTVD, a possibilidade de conexão com a internet é uma das conseqüências diretas dessa nova tecnologia, pois em função da introdução de dispositivos que favorecem a ‘interatividade’, o modelo brasileiro de televisão digital poderá democratizar o acesso da maioria da população à rede mundial de computadores, por meio da instalação de aparelhos de conversão de sinais a custo reduzido³. O contrário também já ocorre e a internet já recebe a TV desde 2004, com o lançamento da central de conteúdo em *streaming* de vídeo, o *Globo Media Center*, do portal e provedor *Globo.com*. Com isso, o internauta passou a ter acesso a parte dos programas produzidos pela *Rede Globo* (maior rede de televisão aberta no Brasil) e pelos *Canais Globosat* (transmitidos via cabo). Importante ressaltar que se trata de poder acessar na web, pelo menos por enquanto, apenas parte dos títulos veiculados pelas emissoras.

O momento atual de convergência midiática, ou a migração digital dos meios constitui uma fase de transição e o processo de comunicação televisual que conhecemos passa por mudanças significativas quando inserido nos sistemas totalmente digitalizados, seja na transmissão em TV aberta, via cabo ou na internet, de modo que a migração da televisão analógica para a digital pode inaugurar, em última instância, um processo de constituição de uma nova mídia, baseada em outras possibilidades de interação entre enunciador e enunciatário, requerendo, desta forma, uma investigação para a compreensão da enunciação nessa nova situação de comunicação. Dessa forma, propomos refletir, à luz da semiótica discursiva, a produção de sentido e a práxis enunciativa, com ênfase na problemática do sincretismo de linguagens que, diante da convergência midiática adquire maior complexidade, pois realiza a hibridização dos meios. Entendemos que este referencial teórico pode permitir avanços na compreensão dos processos cognitivos e passionais de produção do sentido no novo contexto da comunicação audiovisual na plataforma digital.

³ O custo do aparelho conversor (o Set Top Box) de sinais analógicos para digitais deverá ser de aproximadamente US\$ 100. O conversor, que pode ser instalado nos aparelhos de TV atuais, tem capacidade de processamento e armazenamento como um computador. Seu comando é feito pelo controle remoto ou teclado sem fio.

Entre os desafios da análise destes textos está o pensar sobre a maneira como deve ser feita a sua abordagem, uma vez que, no sentido das magnitudes manifestadas que dão a conhecer, encontramos a utilização de diferentes sistemas de linguagens, simultaneamente, caracterizando o sincretismo de linguagens, por sua vez formatadas em um dispositivo tecnológico que abriga estéticas de diferentes meios. Apesar de constituir o seu plano de expressão com elementos de várias semióticas, o texto sincrético deve ser lido como um todo de significação. A partir da apreensão do conteúdo a discussão sobre a forma como as linguagens se relacionam pode ser pensada enquanto esforço de formalização de um “percurso gerativo da expressão sincrética”, em que o grau de imbricação ocorre em níveis que partindo dos elementos mais superficiais e concretos do plano de conteúdo, conduzam a níveis mais abstratos e profundos no plano da expressão. Para a semiótica interessa o sentido, o conteúdo. Mas não há conteúdo sem expressão. Portanto, a compreensão dos mecanismos que regem as semióticas sincréticas é fundamental para a compreensão da linguagem e dos processos enunciativos inaugurados com a convergência midiática.

Avaliamos ser relevante considerar a problemática do sincrético pelo fato de os textos midiáticos serem semióticas conotativas, pois inseridas em determinados contextos sócio-culturais, detém um certo modo de presença e determinam formas de interação determinando a práxis enunciativa. Ao converter a expressão em conteúdo, no processo de semiose, não podemos deixar de considerar que o seu plano de conteúdo é forjado pelo sincretismo de linguagens, e se um texto sincrético depende da forma como as estratégias globais de comunicação são administradas, nos interessa depreender como essas estratégias são construídas. Se no discurso televisual a textualização é, por constituição, sincrética, como esse sincretismo deve ser considerado pela análise? A nosso ver, os dois aspectos de interesse para avançar na discussão poderiam estar concentrados, de um lado, no exame de quais estratégias específicas da nova mídia e, de outro, nos modos como o plano da expressão atua na percepção inteligível e sensível do processo de produção de sentido. Também é relevante investigar como se articulam expressão e conteúdo no contexto de uma práxis enunciativa caracterizadora de um modo de presença que se constrói pela convergência de diferentes meios e que se propõe interativa.

Para desempenhar tal tarefa um longo caminho de desenvolvimento teórico terá que ser percorrido. O primeiro passo talvez seja inventariar o instrumental teórico-conceitual

referente à práxis enunciativa em relação às semióticas sincréticas, visando refletir sobre os procedimentos de abordagem do texto audiovisual no contexto da migração digital. Além disso, é necessário identificar as estratégias enunciativas e os procedimentos de textualização para chegar aos mecanismos estruturais que põem os diferentes sistemas semióticos em relação agora nesse novo dispositivo, bem como verificar de que forma a enunciação sincrética televisual constrói o sentido pelo fazer cognitivo. Nesse sentido, chamamos a atenção para o papel da figuratividade na articulação das diferentes semióticas e a sua função estratégica na construção simbólica também na televisão digital. Com todos esses elementos, acreditamos ser possível iniciar o processo de compreensão das questões relativas à enunciação e o conjunto de operações da práxis enunciativa na televisão digital.

Práxis enunciativa e textos sincréticos

Toda enunciação pressupõe a competência de um sujeito enunciador que se encontra diante das linguagens enquanto sistemas virtuais e o mundo natural, enquanto sistema realizado. A enunciação é uma práxis na medida em que ela imprime estatuto de ‘realidade’ aos produtos de linguagem, reincorporando referências do mundo natural. De acordo com Floch, no verbete sincréticas (semióticas) do dicionário II:

(...) as primeiras análises de enunciados sincréticos permitem reconhecer pelo menos duas problemáticas relativas à enunciação sincrética: a dos procedimentos de sincretização, de um lado (da produção, do processo gerativo do sincretismo) e das estratégias sincréticas de outro lado, quer dizer, da elaboração de programas completos de comunicação, podendo ser esta comunicação contratual ou polêmica. (FLOCH, apud GREIMAS & COURTÉS, 1991, p. 233-234)

Interessa-nos investigar a relação entre as duas problemáticas. Não somente “os procedimentos de sincretização”, o modo como as linguagens são textualizadas são importantes, mas principalmente as recorrências desses procedimentos nas estruturas textuais, isso porque são as invariantes da organização textual que vão caracterizar a inserção do produto televisual e sua forma de recepção. Para tangenciar tal caracterização é necessário atentar para os procedimentos de textualização, enfrentar problemas próprios ao estudo do sincretismo como a articulação de linguagens, a lógica dos arranjos sincréticos e os conseqüentes efeitos de redundâncias, contraposições, contrastes. Se estas questões

diretamente ligadas à enunciação são prementes, temos de levar em conta também, as relações de comunicação, os objetivos das estratégias de persuasão projetadas pelos arranjos textuais.

O sentido manifestado pelo arranjo de diferentes linguagens emerge em nível de abstração, no plano de conteúdo e não na concretude do plano de expressão. No entanto, é deste último plano que vamos depreender as estratégias globais de comunicação de que fala Floch (GREIMAS & COURTÉS, 1991, p. 233-234). Como não há conteúdo sem expressão, podemos pensar, entre outras formas, no engendramento das relações de significação nos textos sincréticos na perspectiva de uma escala de gradação no plano da expressão. Ou seja, as articulações entre as linguagens podem ser produzidas a partir das variações entre um elevado grau de redundância, em que diferentes unidades manifestadas em diferentes linguagens remetam a uma mesma significação, até às relações semi-simbólicas. Neste caso, além do fazer enunciativo é importante pensar em procedimentos de análise do fazer discursivo/figurativo com o propósito de verificar o vetor do sensível para o inteligível no processo de percepção e de produção de sentido do texto sincrético.

A partir dessas duas perspectivas - a enunciativa e a discursiva/figurativa – O desafio que se impõe é como abordar as relações entre as diferentes semióticas no plano da expressão do texto sincrético.

A problemática do sincretismo de linguagens

O estudo das semióticas sincréticas é um campo de investigação dentro da semiótica discursiva que recentemente parece ter sido impulsionado pelo aumento das pesquisas no Brasil voltadas à compreensão dos textos midiáticos. Isso não quer dizer que somente os textos midiáticos apresentem como característica o sincretismo de linguagens. Sabemos que manifestações de arte como a ópera, o cinema, a literatura ilustrada, também constituem textos estruturados a partir de diferentes linguagens que são colocadas em relação e que, inclusive, já foram objeto de análises semióticas.

Ao refletir sobre a caracterização das semióticas sincréticas como objeto de análise, a primeira questão que vem à tona diz respeito ao conceito de sincretismo. Isso decorre principalmente do fato de esse conceito ter sido desenvolvido no terreno da lingüística, por

Louis Hjelmslev (1975), para tratar o fenômeno da gramática tradicional de que, em certas condições, a comutação entre duas invariantes pode ser suspensa. Ou seja, há um apagamento da mudança no momento de superposição entre dois funtivos nos dois planos da língua. Tal superposição contrai o que o lingüista dinamarquês denominou sincretismo.

Atualmente, ‘semióticas sincréticas’ designa os textos-objeto constituídos pela utilização de duas ou mais linguagens de manifestação que interagem, formando um todo de significação. Diante disso, nosso problema consiste, inicialmente, em verificar em que medida, a acepção corrente do termo sincretismo mantém ligação com o pensamento de Hjelmslev para, em seguida, abordar o sincretismo de linguagens em textos audiovisuais com vistas a detectar os mecanismos de construção do sentido. O desafio é verificar os mecanismos de interação entre os sistemas semióticos nos diferentes textos midiáticos, por meio de uma abordagem mais específica e aprofundada de cada objeto, para que possamos refletir sobre as especificidades e a complexidade da problemática da articulação de linguagens.

Concordando que as semióticas sincréticas se caracterizam por utilizar diferentes linguagens, simultaneamente, e que a análise do texto sincrético deve considerá-lo como um todo de sentido, deparamo-nos com uma questão que merece reflexão. Tal premissa nos coloca de imediato uma aparente contradição: o texto sincrético é discretizado em diferentes linguagens que se inter-relacionam, mas não perdem suas características enquanto sistemas lingüísticos. Ou seja, nos textos audiovisuais o verbal escrito permanece verbal escrito, o verbal oral permanece verbal oral, a música não se confunde com os sons do ambiente, o videografismo difere das imagens que fazem referência ao mundo natural, enfim, cada uma das linguagens presentes nesse texto sincrético mantém suas características sistêmicas mesmo estando em relação com outras linguagens. Mas porque então falamos em sincretismo de linguagens?

É nesse ponto que consideramos importante retomar Hjelmslev, pois os mecanismos que regem a organização do sincretismo de linguagens podem ser compreendidos como resultante da semiose que é a relação entre os dois planos da linguagem que se pressupõem reciprocamente. A contribuição da formulação hjelmsleviana que evidencia a homologia estrutural entre os dois planos – conteúdo e expressão – onde cada um apresenta dois níveis – o da forma e da substância, também ajuda a pensar a articulação de linguagens nas

semióticas sincréticas tendo em vista que o cerne dessa formulação é que os dois planos estão estruturados de maneira formalmente idêntica, ou seja, isomórfica, em que as substâncias, tanto da expressão quanto do conteúdo, estão articuladas numa forma. Portanto, o que interessa à semiótica é a forma. Floch explica que a forma é:

(...) a organização invariante e puramente relacional de um plano, que articula a matéria sensível ou a matéria conceitual, produzindo assim, a significação. Já a substância é a matéria, o suporte variável que a forma aprisiona, delimita. (...) a substância não é mais que a realização, em um dado momento, da forma. (FLOCH, 1985, p.191)⁴.

A concepção hjelmsleviana da linguagem considera o plano do conteúdo e o plano da expressão de forma estrutural, como funtivos da função semiótica. Esse é um dado relevante, pois para entender os mecanismos de funcionamento da textualização audiovisual precisamos pensar as relações entre as diferentes linguagens no plano de conteúdo, considerando a relação de pressuposição recíproca com o seu plano da expressão. Ocorre que o plano de conteúdo é o plano de um campo cheio, da unidade plena de sentido. Ao contrário, o plano da expressão é um campo vazio, de unidades desprovidas, em si, de semantização.

A partir da compreensão dos planos da linguagem – expressão e conteúdo – e dos níveis de cada um dos planos-forma e substância-, podemos pensar a ocorrência de sincretismo enquanto suspensão de oposições distintivas presentes nas semióticas sincréticas. Ou seja, quando nos referimos às diferentes linguagens estamos tratando da forma do plano de conteúdo, unidade plena, semantizada. Estas linguagens estão discretizadas na forma, estão articuladas umas com as outras, e são apreendidas pelo inteligível. É também a percepção inteligível que apreende a substância do conteúdo, isto é, as idéias, os conceitos transmitidos, só que sincretizados, uma vez que o texto, mesmo sincrético, constitui um todo de significação. No plano da expressão, a substância enquanto matéria sensível está sincretizada, e quando tomada por uma forma, está discretizada em unidades mínimas abstratas, não-semantizadas que são apreendidas pela percepção sensível. No caso da imagem, também no audiovisual, essas unidades minimais irão compor os formantes eidéticos, cromáticos, topológicos, (podemos pensar também em um

⁴ Tradução própria.

formante cinético para o audiovisual) e na substância sonora, os sons, compreendidos como matéria sensível a ser formatada em notas musicais, fonemas, ruídos.

A análise semiótica não considera as unidades significantes de maneira isolada, e sim as relações que elas estabelecem entre si. No caso do texto sincrético, os procedimentos de análise tornam-se mais operacionais com o desdobramento em disjunções categoriais decorrentes das relações primeiras estabelecidas entre as unidades. As contribuições de Jean-Marie Floch (1985) apontam para a necessidade de operar não os elementos isolados, e sim as categorias derivadas da correlação entre os elementos nos dois planos da linguagem. A metodologia de análise dos diferentes textos sincréticos, desenvolvida por Floch (1990, 1997), já demonstrou a pertinência em estabelecer as relações entre categorias do conteúdo e da expressão de modo a explicitar mecanismos de produção de sentido. As categorias da expressão e do conteúdo, quando correlacionadas, se homologáveis, estabelecem relações semi-simbólicas⁵, isto é, relações motivadas que se definem pela conformidade de categorias situadas sobre um e outro plano. Nesse ponto, cabe perguntar se na análise do texto sincrético, ao operar com relações entre categorias nos dois planos, não chegaremos exclusivamente a relações semi-simbólicas, ou se, as relações entre as categorias permitem criar outros caminhos de leitura a partir das diferentes dimensões do texto?

Colocados os balizamentos teóricos para a abordagem das semióticas sincréticas, cujos conceitos fundamentais estão baseados na noção de signo em Hjelmslev, que considera plano do conteúdo e plano da expressão de forma estrutural, como funtivos da função semiótica, bem como nas soluções teóricas desenvolvidas por Floch em suas análises de textos visuais e sincréticos, o desafio reside em verificar a relação das estruturas de textualização e práxis enunciativa do audiovisual no atual estágio da migração dos meios analógicos para os digitais, ambiente que permite a co-ocorrências de diferentes mídias que, em interação, inauguram novas formas de participação do enunciatário.

⁵ Hjelmslev opôs sistemas simbólicos – definidos pela total conformidade dos dois planos da linguagem - e sistemas semióticos – definidos pela não conformidade. O semi-simbolismo constitui um sistema de significação definido pela conformidade não de elementos isolados e sim de categorias apreendidas e homologáveis nos dois planos da linguagem.

A problemática da convergência entre meios

A televisão digital está associada ao computador onde é possível combinar imagens estáticas e em movimento, infografias com desenhos, gráficos, textos decorrentes da fusão entre televisão e microcomputador. A televisão digital é dotada software de grande capacidade de processamento que permite o diálogo entre os produtos audiovisuais e as funcionalidades semelhantes ao de um microcomputador. Interação essa que pode ser operada pelo usuário por um controle remoto ou por um teclado sem fio. Essa possibilidade de alocar diferentes mídias em um mesmo suporte coloca a necessidade de refletir sobre a problemática da convergência midiática sob o viés da hibridização dos meios. O microcomputador abriga as mídias analógicas anteriores adicionando a possibilidade de intervenção do usuário. Trata-se de um patamar diferente do tipo de articulação entre as linguagens, conforme discutimos no item anterior. Mas diferentemente das linguagens integrantes de uma mídia sincrética, a convergência midiática produz uma diluição das estruturas características de um determinado meio. O jornal, os quadrinhos, o rádio, o cinema, a televisão, a internet, estão todos inseridos no mesmo suporte e quando colocados em relação, não enquanto mídias propriamente, mas referências às linguagens dessas mídias, permitem tanto a criação de novas estruturas de comunicação quanto à introdução mais efetiva do acesso do enunciatário, construindo o efeito de sentido de efetiva interatividade no processo enunciativo.

A interação entre sujeitos e objetos é uma questão de fundo para a semiótica⁶. Nos dispositivos analógicos de comunicação, do livro aos meios eletrônicos, a interatividade sempre esteve contida na complexidade da enunciação de forma virtualizante, sendo atualizada na fruição do enunciatário. Isso se mantém também nas mídias digitais, mas as possibilidades de explicitação de opções a serem tomadas conferem um caráter novo à questão da interatividade. Não há dúvida de que mecanismos dessa natureza possibilitam uma certa ampliação do fazer enunciativo, e isso parece ser o suficiente para construir o simulacro de uma revolução nas condições de interferência concreta, do enunciatário no enunciado.

⁶ Cf. Em *Da Imperfeição*, Greimas analisa formas de interação entre sujeito e objeto, advindas das fraturas e das escapatórias, acionadas pela percepção sensível. Ver também a contribuição de Landowski em *A Sociedade Refletida* para a compreensão da interação entre sujeitos.

A interatividade pensada enquanto bidirecionalidade implica necessariamente a funcionalidade de retorno. Ocorre que essa comunicação, no caso do sistema de TV Digital do qual tratamos aqui não contempla a interlocução somente entre enunciador e enunciatário, mas também entre enunciatários em uma experiência coletiva. Um exemplo é a torcida virtual⁷ de um jogo de futebol em que a mesma imagem é transmitida também com o som dos torcedores. Se o usuário tiver um canal de retorno, como um telefone ligado à televisão, poderá interagir, via internet, com amigos que estão em outras partes do país ou do mundo. Outra aplicação da interatividade na TV Digital brasileira é a Educação a Distância, programando gravações de programas ou busca de vídeos pela conexão de internet. Também pela internet o usuário pode responder a questionários de múltipla escolha pela televisão, enquanto assiste a programas educativos. Com fins de entretenimento, uma emissora terá com a utilização desse mesmo aplicativo, condições de fazer enquetes em tempo real, com o espectador respondendo pelo controle remoto. Já para as finalidades mercadológicas, esses aplicativos da TV Digital serão grandes aliados para o registro de perfis de usuários.

Além da nova forma de atuação do enunciatário, não podemos deixar de mencionar as mudanças do ponto de vista da estética como a alta resolução e a alteração do formato da tela de 4:3 a 16:9 (HDTV) aproximando cinema e TV em relação à definição de imagem. A maneira de estruturar as narrativas visando às intervenções dos milhares de enunciatários enquanto interatores participando de ciberdramas. No caso de ambientes participativos fundirem-se com os ambientes autorais, o tipo de interação entre enunciadores e enunciatários é bastante diversa da que conhecemos atualmente:

(...) um ciberdrama que combinasse uma forte história central com uma ativa interpretação de papéis precisaria de convenções claras para separar a área na qual os internautas fossem livres para inventar suas próprias ações das áreas sobre as quais eles não poderiam sequer esperar assumir o controle. (MURRAY, 2003, p.248).

Observamos que a leitura semiótica dos textos produzidos pelas mídias digitais é requer a ampliação dos instrumentos de análise para a compreensão das novas formas de expressão. A teoria se produz a partir da observação dos objetos e a implantação e

⁷ Pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPb) demonstraram uma aplicação de torcida virtual em encontro realizado na Universidade de São Paulo (USP), no final de 2005.

democratização da TV digital, com as possibilidades mencionadas acima, necessitam ainda de suportes estruturais para a disseminação em grande escala. O ritmo e as condições para disponibilizar as tecnologias da TV Digital dependem, no entanto, da atuação de governo e empresários. Não obstante, o fato é que a inserção das tecnologias digitais na produção e distribuição de produtos audiovisuais forja uma nova práxis enunciativa, à medida que altera modos de produção e recepção, linguagens e formatos de produtos e a configuração semiótica dessa práxis é, atualmente, um dos desafios da pesquisa em comunicação.

Bibliografia

- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oiel et l'espirit : pour une sémiotique plastique**. Paris, Amsterdam : Hadès-Benjamins, 1985.
- _____. **Sémiotique, marketing et communication: sous les signes, les strategies**. Paris, PUF, 1990.
- _____. **Identités visuelles**. Paris, PUF, 1995.
- _____. **Une lecture de Tintin au Tibet**. Paris: PUF, 1997.
- FONTANILLE, J. **Sémiotique du visible – des mondes de lumière**. Paris, PUF, 1995
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. Trad. Ana Claudia de Oliveira : São Paulo, Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Semiótica, diccionario razonado de la teoria del language II**. Trad. Enrique Ballón Aguirre Madrid: Gredos, 1991.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MACCHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas,SP: Papyrus, 1997.
- _____. **Hipermídia: o labirinto como metáfora**. São Paulo: Senac, 2001..
- MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado. (orgs) **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.
- OLIVEIRA, Ana Claudia.(org.) **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker, 2004.
- PEZZINI, Isabella, (a cura) **Trailer, spot, clip, siti, banner. Le forme brevi della comunicazione audiovisiva**. Roma: Meltemi Editore, 2002
- VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes. São Paulo: Edições Loyola, 2003

